

CONHECIMENTO DE MUNDO: UM DOS ASPECTOS FUNDAMENTAIS À VIDA PROFISSIONAL DE UM REDATOR E REVISOR DE TEXTOS¹

KNOWLEDGE OF THE WORLD: ONE OF THE FUNDAMENTAL FEATURES OF THE WORKING LIFE OF A WRITER AND TEXT REVIEWER

Gisele Aline Feraboli²

Resumo: *Este artigo objetiva ressaltar a importância do conhecimento de mundo na vida do profissional Bacharel em Letras, com habilitação em Redação e Revisão de Textos. Com a busca e a consulta em livros, artigos e sites que tratam do assunto, pode-se constatar que esse campo ainda é pouco explorado cientificamente, sendo, portanto, necessária a realização de mais pesquisas e análises na área. Como resultado da análise do material selecionado, notou-se ainda que as possibilidades de atuação de um Redator e Revisor são amplas, mas é preciso que o mercado de trabalho conheça esse profissional, até porque a profissão é nova e, mesmo já havendo Cursos de Graduação na área, ocorre pouca difusão da existência desses cursos. Diante desse quadro social, o presente estudo, que tem como base pesquisas de Marcuschi (2004, 2008, 2011), Bakhtin (1997), Koch (2008), Malta (2000), Oliveira (2010), entre outros, verifica também a importância do domínio dos gêneros textuais pelos profissionais em questão.*

Palavras-chave: *Redator/Revisor; Conhecimento de mundo; Gênero textual.*

Abstract: *This article aims at emphasizing the importance of world knowledge in the life of the professional Bachelor of Language with specialization in Writing and Text Revision. With the search and query in books, articles and websites dealing with the matter, one can see that this field is still little explored scientifically, it is therefore necessary to carry out further research and analysis in the area. As a result of the analysis of the selected material, it has also been noted that the possibilities of performance of an Editor and Reviewer are broad, but it is necessary that the labor market know that professional, because the profession is new, and even if now there are Undergraduate Programs in the area, there is still little diffusion of these programs. Given this social context, the present study, which is based on research of Marcuschi (2004, 2008, 2011), Bakhtin (1997), Koch (2008), Malta (2000), Oliveira (2010), among others, verifies also the importance of the mastery of textual genres by professionals at issue.*

Keywords: *Redactor/Reviewer; Knowledge of the world; Textual genre.*

1 Introdução

O próprio mercado de trabalho estimula as pessoas a buscarem um maior aperfeiçoamento em sua área de atuação. Tal preocupação faz com que novos Cursos, tanto

1 Trabalho desenvolvido sob a orientação da Dra. Cleide Inês Wittke. Professora Adjunta da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Pontífice Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Pelotas, Brasil, e-mail: cleideinesw@yahoo.com.br

2 Graduanda do Curso de Letras - Bacharelado em Redação e Revisão de Textos, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Pelotas, Brasil, e-mail: gigiskapa@hotmail.com

profissionalizantes como de graduação, surjam para atender as demandas desse mercado. Isso exige que as Instituições Técnicas e as Universidades estejam atentas para que as lacunas mercadológicas sejam supridas. E não só isso, exige também que os Cursos ofereçam condições para que os acadêmicos, ao concluírem a graduação ou o técnico, realmente saiam preparados para atuar profissionalmente.

Um exemplo dessas novas necessidades mercadológicas a ser citado é o Curso de Letras – Bacharelado em Redação e Revisão de Textos. No Rio Grande do Sul, o único curso universitário com essa habilitação é da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), o qual foi implantado em 2009 e reconhecido pelo Ministério da Educação (MEC), através da Portaria nº 235/89. Ainda não temos nenhuma turma formada, pois sua duração é de quatro anos. No Brasil, hoje, há alguns Cursos semelhantes ao citado, no entanto, o único com o mesmo nome é o do Centro Universitário Patos de Minas (UNIPAM). Vale ressaltar que há algumas disciplinas que se diferenciam entre os dois Bacharelados. Conforme dados do site da UNIPAM, esse Curso teve liberação em 2002.

Nota-se que há espaço para o profissional em Redação e Revisão de Textos no mercado de trabalho, entretanto, o processo de inserção é lento e ainda pouco reconhecido. Até bem pouco tempo, e ainda nos dias de hoje, em algumas empresas, quem faz o serviço de redação e revisão de textos são profissionais formados em Letras-Licenciatura ou em Comunicação Social (Jornalismo, normalmente). Além disso, percebe-se que há pouca bibliografia (e mesmo referências on-line) específica sobre essa área. Levando em conta tais questões, propõe-se, neste artigo, buscar analisar o que os autores, ligados a essa área, trazem de informações a respeito do que é ser redator e revisor. Assim, verificar-se-á o que já existe de material científico/acadêmico nesse campo, considerando também as referências complementares e que tangenciam tal temática, como é o caso de obras voltadas ao ensino de produção de textos, por exemplo.

Nosso objetivo é, com as referências encontradas, tentar suscitar o debate sobre qual é a função do bacharel em Letras, mais especificamente, na área da Redação e Revisão de Textos. Desse modo, acreditamos que poderemos ampliar e visualizar com mais clareza os conhecimentos que se fazem necessários para que o trabalho de Redator e Revisor de Textos seja mais reconhecido e valorizado no mercado profissional. É nesse sentido que Alves e Andrada (2008, p.6) explicitam que “o trabalho do revisor é um pouco ingrato em termos de reconhecimento. Afinal, ele só é visível quando há erros; o que foi corrigido e o processo de

correção não é 'aparente', mas aquilo que passa despercebido é suficiente para chamar a atenção do leitor”.

Nesse ponto, queremos mostrar o quanto é fundamental ao Redator e Revisor ter um conhecimento de mundo amplo para poder atuar em diversas áreas do conhecimento. Aqui, emprega-se o termo conhecimento de mundo na perspectiva de Koch e Travaglia (2008, p. 61), para quem “o conhecimento de mundo é visto como uma espécie de dicionário enciclopédico do mundo e da cultura arquivado na memória”.

Nesse contexto, é possível observar que as competências em redigir e revisar textos vão além da simples tarefa de saber identificar os erros gramaticais ou escrever as palavras corretamente, mas também é relevante perceber se há clareza no sentido da mensagem, ou seja, se há coerência entre as ideias, adequação da extensão das frases e exclusão de palavras supérfluas, conforme explicita Oliveira (2010). Por outro lado, percebe-se também que esse campo profissional está propenso a ganhar mais espaço no mercado de trabalho. Essa área precisa, ao mesmo tempo, não só ser valorizada, mas também ser observada, analisada e comentada sob uma perspectiva mais ampla e científica.

Com esse intuito, selecionamos material impresso e online com o objetivo de estabelecer uma relação entre a teoria e a prática, e observar o que os autores dizem a respeito do processo de redação e revisão, bem como qual é a realidade do mercado profissional dessa área. A partir disso, foi possível notar que os gêneros textuais consistem em um conhecimento prévio fundamental aos futuros revisores e redatores, e não só isso, o conhecimento de mundo também se faz necessário nesse campo profissional, por isso dividimos o artigo nas seguintes partes: a relação entre teoria e prática; em seguida, os gêneros textuais na vida do revisor e redator de textos; depois, a metodologia e os resultados (juntamos os dois, pois notamos que seria mais fácil explicarmos se assim o fizéssemos); e, por fim, a conclusão.

2 Relação entre teoria e prática

Uma das questões primordiais ao trabalho do revisor e do redator, dentro da perspectiva de amplo conhecimento de mundo, é justamente o domínio de uso dos gêneros textuais que circulam em nossa sociedade (acadêmicos, midiáticos, virtuais, administrativos, jurídicos, políticos, didáticos, literários etc.). Neste trabalho, entendemos gênero textual a partir da abordagem de Marcuschi (2011), que tem como base os estudos de Bakhtin (1979) e de Bazerman (1994), ou seja, define-se gênero textual como

um enunciado de natureza histórica, sociointeracional, ideológica e linguística *relativamente estável* levaram a uma série de posições que beiram a incogruência. Ao contrário do que ocorreu, parece que para Bakhtin era mais importante frisar o *relativamente* do que o *estável*. Contudo, para muitos, o aspecto mais interessante foi a noção de *estabilidade*, tida como essencial para a afirmação da forma, mas do ponto de vista enunciativo e do enquadre histórico-social da língua, a noção de *relatividade* parece sobrepor-se aos aspectos estritamente formais e captar melhor os aspectos históricos e as fronteiras fluidas dos gêneros. [...] Para Bazerman (1994), gêneros são o que as pessoas reconhecem como gêneros a cada momento do tempo, seja pela denominação, institucionalização ou regularização. Os gêneros são rotinas sociais de nosso dia a dia. (MARCUSCHI, 2011, p. 18, grifos do autor).

Nesse sentido, deve-se levar em conta a necessidade de cada tipo de empresa, órgãos públicos ou pessoas físicas, pois em cada setor há diferentes gêneros textuais e cada qual tem sua especificidade. Por isso, é fundamental ao Bacharel em Letras ter um conhecimento de mundo amplo para assim facilitar a sua atuação no mercado de trabalho, o qual exige um profissional preparado, com conhecimentos prévios, ou que saiba onde pode achar as informações pertinentes ao tipo de trabalho ao qual pode vir a ser contratado para realizar. Nas palavras de Alves e Andrada (2008, p. 2),

uma das grandes vantagens de se ter um profissional de revisão de textos em uma empresa é exatamente o fato de esse poder flexibilizar o uso da norma culta, adequando a escrita à realidade do ramo de atuação e contextualizando melhor os conceitos. O conhecimento dos gêneros textuais pertinentes à área em que se atua como revisor é, também, de fundamental importância, pois, de posse desse conhecimento, o profissional de revisão pode ter mais critério, antes de fazer demasiadas intervenções no texto.

Reforçando essa concepção, Oliveira (2010, p. 18) defende que a revisão de textos não implica uma ideia de linearidade, pois essa atividade visa a retrabalhar o texto, ao mesmo tempo em que todo ele é revisto. Pode-se acrescentar que à medida que se avança, tanto nas questões práticas como teóricas, ao lidar com os textos/gêneros textuais, novos desafios se apresentam, pois é preciso pensar em como lidar com o texto em si e sua relação com o contexto, conforme orienta Meurer (2002). É nessa perspectiva que se entende ser de fundamental importância que o profissional tenha um amplo conhecimento de mundo, não só de fatos históricos, sociais e culturais, como também da língua padrão, que abrange, entre outras, as regras gramaticais e discursivas. Koch e Travaglia (2008, p. 60, grifo dos autores) afirmam que,

se o conhecimento lingüístico é necessário para o cálculo da coerência, todos os estudiosos são unânimes em afirmar que tal conhecimento é apenas parte do que usamos para interpretar um texto e, portanto, para estabelecer sua coerência. O estabelecimento do sentido de um texto depende em grande parte do *conhecimento de mundo* dos seus usuários, porque é só este conhecimento que vai permitir a realização de processos cruciais para a compreensão.

Como vimos na citação, os autores defendem que a compreensão dar-se-á desde que haja *construção de um mundo textual*, ou seja, o leitor/ouvinte saberá diferenciar a ficção da realidade, além de poder fazer a correspondência do que está dito, mesmo que seja parcialmente. Nessa abordagem, o leitor/ouvinte, com o conhecimento de mundo, também fará relação entre os elementos do texto, estabelecendo a continuidade de sentido e entendendo a construção da estrutura que dá sentido ao texto. Em outras palavras, esses elementos são o que se chama de *macroestrutura*. Dentre tais características, a noção de progressão de texto como continuidade de sentido, de forma clara, deve ser um dos tantos conhecimentos necessários a esse profissional. Somos solidários a Alves e Andrada quando defendem que

um bom revisor não apenas leva em consideração os aspectos gramaticais do texto, como a correção ortográfica e as concordâncias, mas também dá ao autor sugestões para melhorar o conteúdo, atentando-se para a coesão e a coerência do que foi escrito. [...] o profissional de revisão deve sempre considerar o estilo lingüístico de quem escreveu o texto, ou seja, a maneira peculiar que cada autor possui para expressar seus pensamentos. Tal maneira pode ser evidenciada através de palavras, expressões, construções sintáticas e jargões, muitas vezes identificando o autor como pertencente à determinada área ou profissão. Uma orientação de texto de qualidade deve sempre levar em conta, também, o sentido que o autor deseja dar ao texto. Afinal, o seu sentido não é, jamais, definido pelo revisor. (ALVES; ANDRADA, 2008, p. 3).

Sob esse enfoque, não se pode falar em conhecimento de mundo sem antes fazer uma abordagem baseada em como o ser humano vê, ouve, sente, enfim, como as pessoas, num sentido geral, percebem imagens, textos, áudios, vídeos... nos mais diversos meios de comunicação, mas principalmente, como as pessoas recebem as mensagens ou enunciados, conforme Bakhtin (1997). Não se pode, então, esquecer o que destaca Meurer (2002, p. 23), ou seja, “diferentes crenças e esquemas de conhecimento conduzem a diferentes percepções do mundo e ações sociais e discursos diferenciados”. Para entender um pouco mais sobre as percepções de mundo, deve-se ter uma noção de como o imaginário se manifesta, ou seja,

como os enunciados funcionam na mente humana, na construção dos discursos recebidos. Aqui, utiliza-se o conceito trazido por Silva (2006), em seu livro *As Tecnologias do Imaginário*. O autor esclarece que

todo imaginário é um desafio, uma narrativa inacabada, um processo, uma teia, um hipertexto, uma construção coletiva, anônima e sem intenção. Num sentido mais convencional, o imaginário opõe-se ao real, na medida em que, pela imaginação, representa esse real, distorcendo-o, idealizando-o, formatando-o simbolicamente. [...] O imaginário é uma rede etérea e movediça de valores e de sensações partilhadas concreta ou virtualmente. O imaginário é um reservatório/motor. Reservatório que agrega imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado, leituras da vida e, através de um mecanismo individual/grupal, sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar ao estar no mundo. O imaginário é uma distorção involuntária do vivido que se cristaliza como marca individual ou grupal. Diferente do imaginado – projeção irreal que poderá se tornar real –, o imaginário emana do real, estrutura-se como ideal e retorna ao real como elemento propulsor. (SILVA, 2006, p. 8-12).

O autor acrescenta ainda que “Não há centro na teia do imaginário. Todas as entradas desembocam na mesma altura da malha simbólica. Tudo é nó e conexão no tecido imaginal. Cada link, feito um porto, é ponto de chegada e de partida” (SILVA, 2006, p. 11). Também Meurer (2002, p. 24) entende que “além de criar e recriar representações, formas de conhecimento e crenças, os textos refletem, constituem e podem desafiar e transformar tipos de relações entre indivíduos”. A partir disso, é possível entender um pouco melhor o conceito de conhecimento de mundo, o qual é vital para qualquer redator ou revisor graduado em Letras. A formação acadêmica fornece uma visão geral de muitas ferramentas que serão utilizadas, mas isso não é suficiente. É preciso que o conhecimento de mundo seja amplo para que, como profissionais, se possa atuar com mais segurança nos trabalhos (em textos orais e escritos), que serão produzidos e revisados. Segundo Oliveira, o revisor deve considerar

não a teorização elegantemente abstrata que ignora a prática, mas uma teorização em que teoria e prática sejam conjuntamente consideradas em uma formulação do conhecimento na qual a teorização pode ser muito mais um trabalho de *bricolage*, tendo em vista a multiplicidade dos contextos sociais e daqueles que os vivem. (OLIVEIRA, 2010, p. 15, apud MOITA LOPES, 2006, grifos da autora).

Nessa ótica, Pacheco (1999) chama a atenção para o uso de uma das principais ferramentas atuais do redator e do revisor: o computador. Esse meio é imprescindível hoje para a realização da maioria dos trabalhos. Quanto ao revisor ortográfico, o autor salienta que

não se deve confiar no revisor do software, ele não corrige todos os erros de um texto. O revisor do computador apenas compara o que está redigido com uma lista de palavras. Se encontra as palavras do texto na lista, o revisor diz que está tudo correto. Uma vez que o erro tenha construído outra palavra ortograficamente correta, mas de sentido inadequado ao contexto, o computador não indicará esse engano. É válido utilizá-lo para que indique palavras duplas ou erros de digitação, mas nada substitui a leitura cuidadosa, de preferência em voz alta, para a correção do texto. A revisão deve procurar mais do que erros gramaticais. O estilo deve ser analisado, à procura de exageros ou falta de informação. A clareza das idéias e argumentos deve ser posta à prova e textos muito rebuscados devem ser evitados. (PACHECO, 1999, p. 27).

Ainda no que diz respeito à internet, é necessário observar que os gêneros textuais, nesse meio, emergem a cada dia e esse conhecimento prévio de como a tecnologia vai passando por modificações é algo intrínseco ao dia a dia do redator e revisor de textos. Para Marcuschi (2004, p.13), “os gêneros emergentes nessa nova tecnologia são relativamente variados, mas a maioria deles tem similares em outros ambientes, tanto na oralidade como na escrita”. Por isso, é fundamental que o Redator e Revisor de Textos esteja sempre se atualizando para poder executar com competência seu papel, utilizando-se da teoria para realizar bem e eficientemente essa prática. Malta (2000) observa que, para ser um bom revisor, é preciso não só estar por dentro das regras gramaticais e suas eventuais mudanças, mas também saber empregar e conhecer os neologismos. Além disso, ler um pouco de tudo, como jornais e revistas e estar bem informado não só sobre a atualidade, mas ter conhecimentos de história, geografia, biologia, religião, ciência, informática, literatura, entre tantas outras áreas.

Mais do que isso, Malta (2000, p. 28) destaca que um bom revisor “precisa ter a humildade de duvidar de seus próprios conhecimentos, ou seja, deve recorrer a fontes de consulta dezenas de vezes ao dia”. Dessa forma, é possível destacar que o trabalho de revisão deve ser feito com atenção, paciência, senso crítico e sempre ao lado de gramáticas, dicionários e de outros livros e materiais que possam servir de suporte e auxílio na revisão, bem como na redação de textos. Ademais, esse profissional precisa ter um bom domínio no uso de diferentes gêneros textuais que circulam em nosso meio social.

3 Os gêneros textuais na vida do Revisor e Redator de Textos

Para que o conhecimento de mundo efetive-se de forma satisfatória na vida do profissional de redação e revisão, faz-se necessário que ele saiba distinguir e usar

adequadamente os gêneros textuais. Vale lembrar que gêneros textuais são tipos específicos de textos de diferentes naturezas, sejam eles literários ou não. As formas textuais (tipos de texto) constituem-se nas materialidades linguísticas reconhecidas socialmente: narrativas, argumentativas, descritivas, injuntivas, expositivas e dialogais, que circulam por meio de diversos gêneros textuais. Sob essa concepção, pode-se citar alguns exemplos de gêneros: anúncios, convites, atlas, avisos, programas de auditórios, bulas, cartas comerciais, cartazes, comédias, contos de fadas, crônicas, editoriais, ensaios, entrevistas, ofícios, decretos, discursos políticos, histórias, instruções de uso, letras de músicas, leis, mensagens, notícias. São textos que circulam em vários setores e têm uma função específica discursiva, sendo voltados para um público distinto e com características próprias. Segundo Marcuschi,

o estudo dos gêneros textuais é uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial para o funcionamento da língua e para as atividades culturais e sociais. Desde que não concebamos os gêneros como **modelos estanques** nem como **estruturas rígidas**, mas como **formas culturais e cognitivas de ação social** corporificadas de modo particular na linguagem, veremos os gêneros como entidades dinâmicas. Mas é claro que os gêneros têm uma identidade e eles são entidades poderosas que, na produção textual, nos condicionam a escolhas que não podem ser totalmente livres nem aleatórias, seja sob o ponto de vista do léxico, do grau de formalidade ou da natureza dos temas, como bem lembra Bronckart (2001). Os gêneros limitam nossa ação na escrita. [...] Pois, assim como a língua varia, também os gêneros variam, adaptam-se, renovam-se e multiplicam-se. Em suma, hoje, a tendência é observar os gêneros pelo seu lado dinâmico, processual, social, interativo, cognitivo, evitando a classificação e a postura estruturais. (MARCUSCHI, 2011, p. 18-19, grifos do autor).

Essas características peculiares dos gêneros permitem abordar aspectos da textualidade tais como: coerência e coesão, impessoalidade técnicas de argumentação e outros aspectos pertinentes ao gênero em questão. O revisor precisa estar familiarizado com os diversos gêneros produzidos. Vale aqui correlacionar os gêneros com a questão do imaginário, pois, no entender de Silva (2006, p. 13-14),

a construção do imaginário individual se dá, essencialmente por identificação (reconhecimento de si no outro), apropriação (desejo de ter o outro em si) e distorção (reelaboração do outro para si). O imaginário social estrutura-se principalmente por contágio: aceitação do modelo do outro (lógica tribal), disseminação (igualdade na diferença) e imitação (distinção do todo por difusão de uma parte). No imaginário há sempre desvio. No desvio há potencialidade de canonização. O imaginário explica o 'eu' (parte) no 'outro' (todo). Mostra como se permanece individual no grupo e grupal na cultura.

Esse dizer nos leva a entender o fato de que se hoje se conhece os gêneros textuais existentes é porque houve uma identificação, uma apropriação e também uma distorção, o que resultou em aceitação pelo público, o qual disseminou e imitou o que já existia e assim foi sendo adaptado. Faz-se necessário a esses profissionais conhecer as *fórmulas* de cada gênero para assim fazer uso de seu conhecimento de mundo ao revisá-los ou escrevê-los. Squarisi e Salvador (2005, p.54) destacam que “conhecer de antemão o gênero que se vai produzir é meio caminho para escrever bem”. Portanto, é indispensável que o profissional de Letras conheça os gêneros, as regras gramaticais que regem a língua culta, bem como que tenha domínio no uso sobre esses conhecimentos. Além disso, os redatores e revisores devem estar atentos às mudanças, sejam elas no âmbito social, cultural, histórico ou científico. Marcuschi (2011, p. 22-24, grifos do autor) esclarece que,

em geral, os gêneros desenvolvem-se de maneira dinâmica e novos gêneros surgem como desmembramento de outros, de acordo com as necessidades ou as novas tecnologias como o telefone, o rádio, a televisão e a internet. Um gênero dá origem a outro, e assim se consolidam novas formas com novas funções, de acordo com as atividades que vão surgindo. [...] É sabido que quanto mais um gênero circula, mais ele é suscetível a mudanças e alterações por se achar estreitamente ligado a uma moldagem social. Veja-se o caso das *cartas do leitor* em um jornal diário e numa revista semanal. Há uma diferença sensível quanto à natureza temática, mas há similaridade organizacional e funcional.

Por isso, para Bronckart (2009), aquele que deseja trabalhar com textos precisa estar atento às mudanças tecnológicas, que acabam por influenciar no aparecimento de novos gêneros textuais. O autor salienta que os gêneros textuais têm múltiplas classificações e que não se pode ter um modelo “estabilizado e coerente” (BRONCKART, 2009, p.73), justamente pelos critérios de definição e também de caráter histórico, pois alguns tendem a desaparecer e outros a serem modificados, com o passar do tempo. O profissional Bacharel em Letras precisa acompanhar o processo evolutivo dos meios midiáticos e das formas com que os textos vão sendo recontextualizados e sofrendo modificações, ou seja, seu conhecimento de mundo e de tecnologia deve manter-se sempre atualizado.

É nesse sentido que Oliveira e Motta (2007) enfatizam que vivemos na *era da informação e do conhecimento*, portanto, é fundamental que a escrita técnica seja adaptada a essas exigências que surgem gradativamente, já que o avanço tecnológico propicia uma maior expansão intelectual. Os autores supracitados explicitam alguns detalhes bastante importantes, tais como:

Para tentar fazer frente a esses novos desafios, é prudente delinear o perfil do público-alvo que se quer atingir. Tenha sempre em mente as seguintes questões: - O leitor é técnico ou leigo no assunto? - Qual o nível de conhecimento do leitor a respeito do tema e qual a sua capacidade decisória na hierarquia organizacional? - O trabalho a ser produzido é de circulação interna? A comunicação será dirigida a uma categoria profissional específica ou se pretende atingir amplos e diversificados setores da sociedade? - Qual o grau de especificidade a ser imprimido ao trabalho? - A linguagem utilizada dá margem a crer que o texto terá boas chances de ser lido e compreendido por alguém que não tenha participado direta ou indiretamente de sua elaboração? (OLIVEIRA; MOTTA, 2007, p. 13-14).

Diante dessas orientações, nota-se também que o foco do texto deve ser o leitor/ouvinte, pois é necessário considerar o conhecimento desse sujeito a respeito do tema que está sendo abordado, para assim ver se cabe fazer observações complementares, como notas de rodapé, ou se isso não é preciso. Nesse sentido, também se deve analisar em que meio esse texto, que está sendo redigido ou revisado, irá circular. Para facilitar o entendimento, busca-se nos estudos de Marcuschi (2008) uma melhor explicação sobre a questão. O autor sinaliza como os gêneros textuais são dinâmicos em nossa sociedade, o que chama de *habitats sociais*. Nas suas palavras,

os gêneros textuais devem ser considerados como parte constitutiva da sociedade em seus *habitats* típicos, tal como lembra Charles Bazerman (1994). Pois os gêneros são em primeiro lugar *fatos sociais* e não apenas fatos lingüísticos como tal. Sabemos que os gêneros são históricos e culturais, mas não é comum fazer disso uma fonte de investigação. Quanto a isso, pode-se dizer que os gêneros não pré-existem como formas prontas e acabadas, para um investimento em situações reais, mas são categorias operativas, instrumentos globais de ação social e cognitiva. Por isso eles são tão dinâmicos [...] O dinamismo de formas e funções dos gêneros está ligado à maneira como circulam os artefatos culturais e, em particular, os textos. (MARCUSCHI, 2008, p. 20-21, grifos do autor).

Em função dos diferentes estilos dos escritores, não só é preciso observar os gêneros e seus contextos sócio-históricos, mas também estabelecer um diálogo entre revisor e autor. Essa interação é essencial para que o resultado final do material produzido seja efetivamente positivo. No entender de Alves e Andrada (2008, p.5),

a experiência adquirida como revisor de determinado tipo de texto [...] é aliada preciosa no exercício dessa atividade profissional, já que proporciona agilidade, além de economia de tempo para o autor. Apesar, entretanto, da experiência, são fundamentais humildade e bom senso em caso de dúvida (por mínima que pareça), devendo o autor ser sempre consultado. Afinal, se

o autor, que é especialista no tema, utiliza-se dos conhecimentos do revisor para agregar qualidade ao seu trabalho, é fundamental que este o faça com responsabilidade.

Cabe destacar também a importância de uma formação acadêmica a esse profissional (o Redator e Revisor de Textos), pois o mercado atual vem num crescente e carece de pessoas especializadas nesse setor. Conforme Oliveira (2010), um conhecimento mais crítico possibilita que esses profissionais da área trabalhem com mais segurança e mais autonomia. Isso porque a atividade desse profissional é complexa e abstrata, sendo fundamental um vasto conhecimento não só na área específica de formação, mas também social, cultural, histórica e até científica de outras áreas.

4 Metodologia e Resultados

O presente estudo buscou, através de uma revisão de literatura em livros, artigos e sites, coletar e selecionar materiais e informações que abordam sobre o papel do redator e revisor e acerca das necessidades que surgem para que esses profissionais tenham espaço para atuarem no mercado de trabalho.

Inicialmente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica para selecionar obras da área da revisão e redação, conhecidas e trabalhadas durante o Curso de Letras – Bacharelado em Redação e Revisão de Textos. Na sequência, leu-se mais literatura indicada pela coordenadora do Projeto de Pesquisa do qual faço parte, na Universidade Federal de Pelotas. Na busca de mais material, recorreu-se à internet, onde foram encontradas mais referências a artigos, livros e sites que também ajudaram a construir nosso referencial teórico. Além disso, também houve a indicação de bibliografia por conhecedores da área da comunicação, o que foi muito importante à obtenção de mais títulos para a pesquisa.

Quanto ao critério de escolha do material foi dada prioridade àquele que poderia contribuir para o melhor entendimento de onde o Bacharel em Letras, com habilitação em Redação e Revisão de Textos, pode atuar e também como realizar de forma mais efetiva o seu trabalho. Além disso, buscou-se também em outras áreas (como já salientado acima) da comunicação outras referências bibliográficas, que nos orientassem conceitualmente a entender melhor o processo de interação tanto com os textos como com seus autores. Silva (2006) foi um dos autores que nos ajudou a entender o processo mais subjetivo da linguagem. Também Pacheco (2012), Squarisi e Salvador (2005), Alves e Andrada (2011), citando apenas alguns deles, contribuíram para o entendimento do processo tanto da redação com da

revisão de textos em outras áreas, além da de Letras, o que mostra a importância do conhecimento de mundo e da perspectiva interdisciplinar. Salientamos ainda, nesse contexto, os gêneros textuais, os quais o revisor e redator de texto precisa ter o domínio tanto para poder fazer uma revisão adequada, como para redigir seus textos nos mais diversos meios em que possa atuar.

Assim, foi possível observar que é preciso ter um conhecimento diversificado em diferentes áreas e saber abstrair de cada linha de pensamento o que de melhor tem a contribuir para o desempenho da profissão de redator e revisor e, conseqüentemente, seu reconhecimento profissional e social. Notou-se que muitos autores estudam a linguagem (via leitura e produção escrita, com reescritura) de forma voltada à licenciatura e que ainda são poucos os estudiosos que se debruçam sobre a área específica do Bacharelado em Redação e Revisão de Textos. Certamente, é preciso levar em conta que a área de Letras, nessa especificidade, é um campo novo que está sendo desbravado, mesmo que venha ganhando espaço no mercado de trabalho, há muito o que pesquisar, analisar, desenvolver e produzir nesse campo de profissional.

Com o resultado de nosso estudo, foi possível perceber a escassez de material específico da área de redação e revisão de textos. Isso mostra que mesmo sendo uma profissão antiga a do revisor e redator de textos, infelizmente, no quesito pesquisas científicas da área nota-se uma lacuna. Não vemos isso como um empecilho, mas como uma oportunidade de estabelecer relação com diversas áreas do conhecimento, o que evidencia a importância do Bacharel em Letras com habilitação em redação e revisão de textos ter um amplo conhecimento de mundo, o que engloba domínio da norma padrão, dos gêneros textuais e das mais diversas áreas como: social, cultural, histórica e científica.

5 Considerações finais

Após ler e analisar diversas referências bibliográficas e online, pode-se concluir que a área de atuação de um Bacharel em Letras, mais especificamente da área de Redação e Revisão de Textos, tema aqui abordado, é bastante ampla. Essa atividade cria inúmeras possibilidades no campo de atuação, já que “trabalhos escolares e acadêmicos, jornalísticos e publicitários, jurídicos e legislativos, em âmbito público, e ainda nas relações familiares, nas conversas entre amigos” (OLIVEIRA 2010, p. 17), podem servir de mercado de trabalho, de modo formal e informal. Nessas condições, o conhecimento de mundo, aliado ao domínio do

uso dos gêneros textuais e ao domínio do uso da norma culta, mostram-se vitais aos redatores e revisores de textos.

É preciso que esses profissionais estejam atentos, pois as diferentes linguagens nos meios de comunicação: internet, jornal, rádio, televisão, com ênfase à publicidade, no caso das agências, são outro campo vasto de análise e de atuação dos redatores e revisores. Certamente que não podemos deixar de fora a possibilidade de atuação em empresas dos mais diversos setores, inclusive da área jurídica, mas, isso daria conteúdo suficiente a outras pesquisas.

Após essa breve reflexão e revisão de literatura, pode-se observar que ainda há muito conhecimento que deve ser associado à formação universitária do redator e revisor de textos. Em função de serem cursos relativamente novos, como é o caso do curso da UFPel, urge uma maior abertura de grupos de pesquisa nessa área, não só para estimular a valorização desses profissionais no campo de atuação, mas também para enriquecer e contribuir na construção de um currículo sólido.

Com base em todas essas constatações, busca-se estimular outros pesquisadores da área a ampliarem seus conhecimentos para que, com o passar do tempo, fique mais nítida e mais reconhecida a atuação do redator e revisor de textos, em diferentes instâncias sociais, pois, sabe-se que o conhecimento de mundo é peça fundamental, mas não é suficiente. É preciso uma formação voltada às necessidades que o mercado de trabalho solicita, ou seja, profissionais que saibam mais do que simplesmente as regras da gramática padrão, conheçam como os gêneros textuais funcionam e dominem teorias que sustentam essa prática. É primordial que os redatores e revisores saibam ter desenvoltura crítica e segura para identificar, analisar, ajustar, reestruturar e escrever textos, nos mais diversos meios de comunicação, setores acadêmicos, públicos e empresariais.

Referências

ALVES, B. V.; ANDRADA, C. F. **Revisão de textos técnicos de engenharia** (Engineering technical texts review). Disponível em: <http://www.revista.cefetmg.br/galerias/arquivos_download/revistan13v2-artigo2.pdf>. Acesso em: 05 out. 2011.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. Disponível em <http://www.fflch.usp.br/dl/noticias/downloads/Curso_Bakhtin2008_Profa.20MaCristina_Sampaio/LIVRO_BAKHTIN_Estetica_Criacao_Verbal.pdf>. Acesso em: 15 out. 2011.

BRONCKART, J. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. Tradução Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. 2. ed. São Paulo: Educ, 2009.

CENTRO UNIVERSITÁRIO PATOS DE MINAS. Disponível em: <<http://www.unipam.edu.br/temp/file/Grade%20curricular%20LETRAS%20-%20Bacharelado.pdf>>; <http://www.unipam.edu.br/curso.unipam?curso.idCurso=19>>. Acesso em: 05 out. 2011.

KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. **Texto e coerência**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MALTA, L. R. S. S. **Manual do revisor**. São Paulo: WVC Editora, 2000.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L.A. & XAVIER, A.C. (Org.) **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Editora Lucena, 2004, p. 13-67.

_____. Gêneros Textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA B.; BRITO K. S. (Org.) **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2008, p.15-28.

_____. Gêneros Textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA B.; BRITO K. S. (Org.) **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial. 2011, p.17-31.

MEURER, J. L. Uma dimensão crítica do estudo de gêneros textuais. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Org.) **Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem**. Bauru: EDUSC. 2002, p.17-29.

OLIVEIRA, R. R. F. **Revisão de textos: da prática à teoria**. Natal: Edufrn, 2010.

OLIVEIRA, J. P. M.; MOTTA, C. A. P. **Como escrever textos técnicos**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

PACHECO, C. S. **Estilo de Redação Jornalística na Internet**. 1999. Monografia de conclusão do curso de Jornalismo e Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Disponível em: <<http://meiradarocha.jor.br/webwriting/index.html>> Acesso em: 31 mar. 2012.

SILVA, J. M. **As tecnologias do imaginário**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SQUARISI, D.; SALVADOR, A. **A Arte de escrever bem**. 3. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

LETRAS – BACHARELADO EM REDAÇÃO E REVISÃO DE TEXTOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Disponível em <<http://www.ufpel.edu.br/letras/site/content/ensino/curso.php?curso=11>> Acesso em: 05 out. 2011.

Data de recebimento: 04 de março de 2012.

Data de aceite: 04 de julho de 2012.